

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Bruno Xavier Gnocchi

**Sexualidade e religião na pós-modernidade:
Tensões e entendimentos**

ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

São Paulo

2018

BRUNO XAVIER GNOCCHI – RA. 00183632

**Sexualidade e religião na pós-modernidade:
Tensões e entendimentos**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial à conclusão do curso de pós-graduação em Ciência da Religião, sob orientação do Prof.º Ms. Welder Lancieri Marchini.

São Paulo

2018

Bruno Xavier Gnocchi

**Sexualidade e religião na pós-modernidade:
Tensões e entendimentos**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de ESPECIALIZAÇÃO em Ciência da Religião.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Ms. Welder Lanciere Marchini – PUC-SP

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar qual a compreensão que a pós-modernidade tem do sujeito, entender como a pós-modernidade reconfigura a vivência da sexualidade e estabelecer como o sujeito pós-moderno se relaciona com a tensão existente entre sexualidade e religião. Aplicamos a metodologia de pesquisa bibliográfica e para fundamentar o texto utilizamos os seguintes autores: Alain Touraine, Byung-Chul Han e Gilles Lipovetsky, entre outros. O sujeito pós-moderno encontra neste modelo de sociedade uma nova identificação, outra maneira de viver, de relacionar e também de compreender a sexualidade e a religião. Estas esferas também assumem novos parâmetros. Com a pós-modernidade as instituições perdem poder e o sujeito torna-se autor da própria existência. O novo modo de compreender a realidade é realizado tanto pelo sujeito quanto pelas instituições. Dessa compreensão nasce uma tensão entre a vivência sexual e o discurso apresentado pela religião.

Palavras-chave: Sujeito. Sexualidade. Religião. Touraine. Lipovetsky. Han.

ABSTRACT

This work aims to present the postmodern understanding of the subject, to understand how postmodernity reconfigures the experience of sexuality and to establish how the postmodern subject is related to the tension between sexuality and religion. The methodology of bibliographic research was applied and to base the text the following authors were used: Alain Touraine, Byung-Chul Han and Gilles Lipovetsky, among others. The postmodern subject finds in this model of society a new identification, another way of living, of relating and also of understanding sexuality and religion. These spheres also take on new parameters. Institutions lose power with postmodernity and the subject becomes the author of existence itself. The new way of understanding reality is perceived by both the subject and the institutions. From this understanding comes a tension between the sexual experience and the discourse presented by religion.

Keywords: Subject. Sexuality. Religion. Touraine. Lipovetsky. Han.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1. O SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE.....	09
1.1. Um novo modelo, uma nova identificação.....	10
1.2. Mecanismos da pós-modernidade.....	12
1.3. A nova concepção de sujeito.....	15
2. A PÓS-MODERNIDADE, A VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E SUAS TENSÕES.....	20
2.1. A fragmentação da sexualidade.....	24
2.2. Otimismo frente à sexualidade pós-moderna.....	27
3. RELIGIÃO E SEXUALIDADE: EMBATES NA PÓS-MODERNIDADE.....	29
3.1. Experiência religiosa X vivência sexual.....	31
3.2. Educação sexual: família, religião e sociedade.....	32
3.3. Religião e pós-modernidade.....	36
3.4. Parâmetros antigos e pós-modernos: compreensões da sexualidade a partir da vivência religiosa.....	37
3.5. Novos modelos padronizados.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
BIBLIOGRAFIA.....	47

INTRODUÇÃO

A dimensão sexual e religiosa é inerente no ser humano, e, portanto atuam de maneira viva na realidade de cada sujeito. Tanto a sexualidade quanto a religião sofreram interpretações diversas ao longo da história, por questões culturais, históricas e disciplinares. O presente trabalho tem o propósito de abordar o tema da sexualidade e da religião na pós-modernidade, apresentando suas tensões e entendimentos, e pretende analisar como o sujeito pós-moderno vive a sua sexualidade e como este se relaciona com a religião. Não abordamos uma religião específica para fazer tal análise, mas buscamos o entendimento do sujeito pós-moderno, a maneira como vive, relaciona e lida com a dimensão sexual e religiosa. Para isso é necessário apresentar o cenário da pós-modernidade, quais mudanças esse cenário trouxe e como o sujeito se insere nesta realidade.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e compreender o sujeito; entender que a pós-modernidade reconfigura a vivência da sexualidade; e identificar que da relação entre o sujeito e a religião nasce uma tensão, que é esta nova maneira de exercer a sexualidade.

Para realizar o desenvolvimento conceitual, tal como a compreensão e fundamentação da pesquisa, definimos a metodologia de pesquisa bibliográfica. Utilizamos três autores como referências principais; Alain Touraine, Gilles Lipovetsky e Byung-Chul Han para precisar os conflitos existentes na construção desse novo sujeito. Deve-se levar em conta que se trata de autores pertencentes à cultura europeia e toda a reflexão elaborada não leva em conta outras manifestações religiosas fora do mundo judaico-cristão. Quando mencionadas, somente a título de pesquisa e com o caráter comparativo, não analítico. Concentramos as leituras nas obras de Touraine, *Crítica da Modernidade e Poderemos viver juntos?*, de Lipovetsky, *Felicidade Paradoxal, Cultura-mundo* e *Estetização do mundo*, de Han, *Sociedade do Cansaço, Sociedade da transparência* e *Agonia do eros*.

Touraine apresenta o conceito de pós-modernidade para explicar este fenômeno e indica o sujeito como autor social. Lipovetsky trabalha com o conceito de hipermodernidade e diferente dos demais autores ele não enxerga a realidade com aspectos negativos, na construção de seu pensamento percebemos um otimismo frente

às mudanças ocorridas na sociedade, destaca também a ideia de consumo e estetização do mundo. Por fim, Han nos apresenta a noção de um mundo fragmentado, de uma sociedade dividida e ao mesmo tempo individualista, onde o sujeito em ação realiza tudo em benefício próprio, não desenvolvendo a alteridade. Trabalha o conceito de hedonismo e individualismo.

A problemática se dá na relação sexualidade e religião, pela tensão gerada na pós-modernidade, pois de um lado se apresenta a grande exposição do sujeito e do outro a perda do poder e das forças por parte das instituições.

Nesta perspectiva de compressão do novo sujeito, surge também a ideia de consumo que será retratada pelos autores, e percebe-se que este sujeito pós-moderno não consome somente mercadorias no sentido material, mas é também consumidor de religiosidade, de prazer e de bem estar.

Podemos averiguar que a pós-modernidade estabelece parâmetros e referências diferentes para as diversas esferas da vida humana, dentre elas a sexualidade e a religião. Sendo assim, é necessário compreender como a sexualidade é vista na pós-modernidade e como o sujeito a vivencia. Também se faz necessário compreender o papel da religião neste novo modelo, como ela é vista pelo sujeito, quais forças exerce na sociedade e como a instituição religiosa enxerga os desafios e conflitos da pós-modernidade.

Neste cenário se encontra o sujeito que responde as duas esferas por meio da reinterpretção dos valores; mecanismos e características próprios do período pós-moderno. O sujeito pós-moderno criou novos meios de se relacionar nas mais variadas esferas da vida humana, desde o modo de se portar até a maneira de compreender o mundo. Esse novo modo de perceber a realidade que está a sua volta também causará mudanças na interpretação da sua sexualidade e também na vivência da mesma.

Sendo a sexualidade uma esfera complexa da natureza humana, torna-se improvável o esgotamento de seus estudos, e com isso gera-se uma ampla discussão acerca do assunto, pois têm-se diversos posicionamentos e opiniões. O mesmo ocorrerá a respeito do fenômeno religioso, ainda mais quando referente ao pensamento da sexualidade na perspectiva religiosa. Cada religião carrega seus conceitos a respeito da sexualidade humana e na prática diária desses preceitos os adeptos reformulam e reinterpretam maneiras de vivenciá-los, criando assim novas correntes interpretativas dentro das próprias religiões.

Não só a sexualidade ganhará outro valor, mas a religião passará por uma releitura a partir do sujeito. Esta nova estrutura social, não mais (influenciada) e mantida pelas instituições, se vê frágil frente aos desafios que surgem, e o sujeito será o autor, a referencia das próprias ações.

De outro lado tem a posição religiosa a este novo modo de viver, em alguns momentos frente a este novo cenário, se salienta a ortodoxia (a tradição) em outros se cria novos parâmetros para se adaptar as necessidades deste novo mundo.

Em relação à religião o que se evidencia é que as instituições na pós-modernidade perderam força e poder, fazendo com que não tenham mais tanta influência sobre o sujeito. Este, agora, neste novo modelo, dita seus caminhos, e isto causa um mal estar no sentido de que se tem a sensação de que não há uma referência. Deste modo, o sujeito pós-moderno já não se vê mais tão dependente do domínio religioso.

CAPÍTULO 1 O SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE

Quando se fala em religião ou em sexualidade, fala-se de duas realidades genéricas, pois elas só existem na medida em que são exercidas, ou seja, transformadas em ação. Portanto, neste primeiro capítulo o objeto de estudo será justamente o sujeito, onde esta tensão encontra sentido e força. O sujeito é o responsável por dar vida tanto à sexualidade quanto à religião, e é nele que se realiza o embate entre ambas. Porém, ao falarmos de sujeito podemos mergulhar numa amplitude de conceitos, seja na esfera histórica, na esfera hermenêutica e até mesmo lingüística. Sendo assim, o objeto desta análise será do sujeito na pós-modernidade segundo a interpretação de autores específicos.

Este conceito de pós-modernidade foi primeiro trabalhado por Lyotard na sua obra *O pós-moderno* (1988). Esta definição está relacionada com a anulação da ideia de verdade, que era umas das principais armas do poder. Para Lyotard a diferença entre modernidade e pós-modernidade consiste que na primeira as ciências criavam as verdades e as leis; enquanto na segunda, o saber está sinalizado pela dúvida, desconstrução, desconfiança e pela não existência de verdades (cf. KARASEK, 2010, p.79).

Existem diversas definições de modernidade elaboradas ao longo da história por muitos autores, porém, a imagem que Touraine defende é que modernidade é representação do vazio, de uma economia fluida, de um poder sem centro, uma sociedade muito mais de troca do que de produção (1994, p. 216). E para concluir sua definição sobre a modernidade diz que a imagem é a de uma sociedade sem atores.

“A modernidade se identifica com o espírito de livre iniciativa e se choca sempre com o espírito doutrinário e com a defesa dos aparelhos de poder” (TOURAINÉ, 1994, p. 215). Sendo assim, não existe modernidade sem racionalização¹; portanto é a estrutura motora, mas também se deve levar em conta a necessidade da formação do sujeito, pois sem formação de um sujeito-no-mundo não se desenvolve o sentimento de responsabilidade perante si e perante os outros (a sociedade).

¹ Touraine defende que o conceito de modernidade está diretamente vinculado ao conceito de racionalização, pois sem esta não pode haver modernidade. Entendem-se o processo de racionalização como as mudanças culturais, sociais e estruturais que as sociedades modernas passaram. Esse fenômeno será utilizado por Weber como processo de “desencantamento do mundo”.

Algumas teorias afirmam que a modernidade é definida simplesmente pelo uso e pela eficácia da razão, e de certo modo, não está errada tal afirmação, porém, com tais premissas, exclui-se boa parte do que ela é. Não existe uma maneira única de definir a modernidade, mas duas vertentes básicas presentes nela são: a racionalização e a subjetivação.

Além dos conceitos de modernidade e pós-modernidade apresentados, existe uma outra formulação usada por Lipovetsky chamada de hipermodernidade. Para ele a

hipermodernidade não é apenas o momento histórico em que a modernidade se torna reflexiva ou autorreferencial, é também aquele em que as normas constitutivas da modernidade cultural nos orientam em direções diametralmente opostas. Com o aprofundamento da secularização e o desaparecimento da ordem tradicionalista, não é mais uma cultura unificada, em plena coincidência consigo mesma, que se organiza, mas, inversamente, um pluralismo normativo feito de contradições intraculturais (2015, p. 394).

Sendo assim, os conceitos apresentados pelos autores se referem à criação de uma subjetivação e racionalização, e no decorrer do texto, a este processo chamaremos de pós-modernidade.

1.1 Um novo modelo, uma nova identificação

Podemos dizer que o sujeito moderno é aquele que se identifica com o mundo. De acordo com Monte (2012, p. 163) a identidade nacional foi vista como um marco para soberania do Estado. A intenção era proteger a nacionalidade, pois identifica o ambiente como único lar. O fato que se apresenta na pós-modernidade é justamente a dissociação deste conceito. Com a globalização², a identificação se esvaia, pois a ideia

² Milton Santos defende a seguinte ideia de globalização: “o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade”. Segundo Santos o homem é responsável por esta construção de “torre de babel” em que vive a sociedade globalizada. Santos considera que temos que ter presente a existência de pelo menos três mundos. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo, a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é, a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser, ou seja, outra globalização. O primeiro modelo busca uma uniformidade, gerando igualdade e oportunidades para todos, mas na verdade gera um mundo cada vez mais desunido, distanciando o sonho de uma cidadania efetivamente verdadeira e universal. Por trás deste modelo, o culto ao consumo é estimulado. O segundo modelo apresenta a globalização como uma fábrica de perversidades que se impõe sobre a humanidade. Fatores que mostram essa discrepância são dados perceptíveis como o aumento do desemprego, o índice de pobreza, a falta de qualidade de vida, o surgimento de novas doenças e o reaparecimento de doenças antigas, a falta de oportunidades educacionais e a qualidade da educação, a mortalidade infantil. Tudo isso demonstra uma incompatibilidade com o modelo “fábula” apresentado anteriormente, que visa uma cidadania universal. O terceiro modelo apresenta como de fato pode ser um

de casa, de identidade é generalizada; e agora este novo sujeito será reconhecido por aquilo que consome e que produz, utilizando-se do mecanismo racional.

Na sociedade pós-moderna, temos assistido a uma profusão de transformações, principalmente no campo das relações interpessoais, fazendo com que haja mudanças no comportamento dos sujeitos. Um dos primeiros embates que pode ser constatado na sociedade pós-moderna é a questão da identidade do sujeito não ligada mais a uma nacionalidade. Poderia antigamente surgir um desejo patriota de altíssimo valor em que o sujeito se identifica diretamente com o lugar em que nasceu. Com um mundo globalizado e interligado, a possibilidade de estar conectado com vários lugares ao mesmo tempo fez com que este sujeito sentisse parte também desta eclosão, ou seja, sentir-se pertencente do mundo de maneira a identificá-lo como sua pátria, como grande e única nacionalidade.

Para Bauman (2005, p.26), a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um nós a quem possam pedir acesso. Monte (2012, p. 164) aponta que as velhas identidades, que por tempo estabilizaram a vida social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui unificado. Não há mais uma identidade uma, centralizada, mas um sujeito plural, heterogêneo. Dessa maneira, seria praticamente impossível pensar um sujeito singular no contexto da pós-modernidade, pois o que somos, a nossa construção, advém do contato que temos com o mundo. Sem essa referência o novo sujeito caminha desorientado, fruto da falta de confiança que as instituições tradicionais apresentaram.

O acento na força da individualidade fez com que grupos coletivos sumissem, ou perdessem força. Hodiernamente, percebe-se que o retorno e a necessidade, como afirma Lipovetsky (2011, p. 48), da identificação por parte do sujeito, com comunidades particulares, étnicas ou religiosas que sejam capazes de corresponder ou capazes de recriar um sentimento de pertença coletiva, algo que suscite a sensação de participação,

mundo globalizado. Parte da ideia de que esses mesmos princípios se forem bem direcionados alcançarão resultados efetivos. No plano teórico o que verificamos é a possibilidade de um novo discurso, de uma nova metanormativa, um novo relato (SANTOS, 2001, p. 21). O objetivo é transformá-la em realidade. Para ele os espaços realizam e revelam o mundo. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. (SANTOS, 2001, p. 112) O lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido [...] A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo. (SANTOS, 2001, p.114) Sendo assim, Santos defende a ideia da existência de uma esquizofrenia do lugar, pois casa pessoa, grupo, instituição realiza o mundo à sua maneira.

agregação, ou que desperte a sensação de inclusão. A busca por esses grupos é pelo fato de querer uma integração tranqüilizante.

O pensamento de Touraine (2003, p. 29) parte do princípio que vivemos uma desmodernização, e sobre este aspecto tece sua crítica da fragmentação e desconstrução realizada sobre o sujeito. Estes mecanismos e características da pós-modernidade causam impacto na vida do indivíduo, criando instabilidade, não se tem mais segurança e nem referência na construção da sua identidade.

“Vivemos uma crise mais profunda que um acesso de medo ou de desencantamento” (TOURAINÉ, 2003, p. 29). A crise é justamente por não ter um norte orientador, um porto seguro no qual se firmar. O sujeito pós-moderno é estranho a tudo o que produz, e luta constantemente para pertencer a uma estrutura que lhe proporcione segurança. Com essa nova estrutura as relações começam a fragmentar-se.

Não é possível na pós-modernidade falar de um sujeito único, um “eu” verdadeiro, pois tudo o que somos é resultado da construção que temos a partir do que o mundo nos apresenta; hoje podemos falar de um sujeito plural.

1.2 Mecanismos da pós-modernidade

Quando se fala de sujeito moderno não se pode deixar de citar os mecanismos que o circundam, que fazem parte integrante do seu cotidiano e que com toda certeza influencia no seu modo de vida, na construção do sujeito.

Um primeiro mecanismo a ser apresentado é a televisão, que reproduz a vida real e cria estereótipos a serem seguidos. Segundo Monte (2012, p. 164) a televisão apresenta também jogos desleais, com propagandas, novelas e com reality shows dos quais somos compulsoriamente convidados a aceitar e que desencadeiam tensões que podem modificar (e muito) tanto positiva ou negativamente, as nossas identidades.

Um segundo mecanismo é a era tecnológica, as plataformas digitais e tudo aquilo que nos cercam relacionadas à tecnologia. Em um mundo todo conectado não há espaço para a privacidade, tudo é muito evidente. Exemplo claro disso são as redes sociais, que se resumem em vitrines humanas, das quais o valor da mercadoria sempre é avaliado por meio dos likes.

Essa crítica também é apresentada por Byung-Chul Han ao afirmar sobre o poder e a força da imagem. Em sua obra *Sociedade da transparência* ele compara esse

excesso de exposição com a pornografia³. “A transparência é em última instância, a total promiscuidade do olhar com aquilo que se vê” (HAN, 2017, p. 36), ou seja, a prostituição. Ainda afirma: “A transparência, caminha passo a passo com um *vazio de sentido*. A massa de informações e de comunicação surge de um *horror vacui*” (HAN, 2017, p. 36).

Esse primeiro modelo de sujeito é totalmente exterior, diferente do que Lipovetsky vai apresentar na sua obra *Cultura-mundo* (2011). O autor expõe um segundo modelo de sujeito que parte das escolhas pessoais, não mais influenciado por questões exteriores, e sim interiores.

De acordo com Lipovetsky

(...) os valores hedonistas, a oferta sempre mais ampla de consumo e de comunicação, a contra cultura convergiram para acarretar a desagregação dos enquadramentos coletivos (família, Igreja, partidos políticos, moralismos) e ao mesmo tempo uma multiplicação dos modelos de existência (LIPOVETSKY, 2011, p.48).

O autor chega a utilizar a expressão “vida à la carte” para se referir ao sujeito que constrói sua existência a partir de escolhas pessoais e não influenciado por fatores externos. A nova concepção de sujeito é de um ser autônomo, livre de influências, que toma decisões a partir de seu desejo e não mais a partir de escolhas feitas por uma ordem de poder exterior, que estabelece um jeito, uma maneira “correta” a ser vivida.

Gera-se assim a concepção apresentada por Lipovetsky (2011, p. 47) de hiperindividualidade, que seria o extremo, o fundamento está justamente na realização de si, a sustentação do hedonismo. Vivemos em uma época em que o indivíduo é totalmente valorizado. Segundo Lipovetsky “as regras da vida social, a lei, e o saber não são mais recebidos de fora, da religião ou da tradição, mas construídos livremente pelos homens, únicos autores legítimos de seu modo de ser coletivo” (2011, p.47). O homem moderno não deve se submeter ao cumprimento de leis imposta por fatores exteriores ou adotar regras de vida estabelecidas por uma tradição. Vive-se em uma época dos direitos. O sujeito é portador de diversos direitos, autônomo, sem a manipulação opressora de uma “instituição”.

³ Para Han (2017) pornografia se refere à exposição, um mero viver exposto. Neste sentido, para o autor, a pornografia aniquila a sexualidade. “A exposição pornográfica não causa apenas uma alienação do prazer sexual, mas torna-o impossível, torna impossível viver o prazer” (HAN, 2017, p. 32).

Outro aspecto salientado pelo autor é que essa cultura do prazer e da satisfação pessoal produz uma nova relação com o corpo, nesta perspectiva Lipovetsky cita as seguintes características: “obsessão com saúde, culto do esporte, boa forma, magreza, cuidados de beleza, cirurgia estética... (são) manifestações de uma cultura tendencialmente narcísica.” (2011, p. 48). Claro que por trás de tudo isso está a busca pelo bem estar.

O sujeito pós-moderno é muito mais que um sujeito do futuro que se preocupa com o que lhe vai acontecer daqui quarenta anos ou talvez trinta. Isso não significa que o presente seja ignorado, mas boa parte das ações realizadas no hoje visam um benefício futuro. Exemplo disso são os estudos, que visam a garantia de emprego, atualização na formação e principalmente, talvez a que mais se destaca, é a saúde.

Hoje existe toda uma cultura da saúde, seja por meio do mercado, do consumo, das grandes mídias. O bem estar é o fortalecimento e a estrutura social. Essa intensidade no discurso sobre a saúde se estende desde dietas e boa forma até questões alimentícias e tratamentos de doenças como a AIDS. Todas essas ações demonstram muito mais preocupação e uma prevenção para o futuro do que a expressão de Horácio “carpe diem”, que apresentava sujeitos meramente presos ao presente.

Outro aspecto da pós-modernidade que deve ser levado em consideração é a questão do tempo. Ao referir-se a tempo, para o sujeito pós-moderno, existe um paradoxo. De um lado têm-se as novas tecnologias que cada dia avançam mais, facilitando a vida de milhares de pessoas, fazendo com que as ações se tornem mais rápidas; por outro lado, temos um mundo de pessoas que argumentam não ter tanto tempo, que se fosse possível precisariam de um dia com mais de vinte e quatro horas. Este é um paradoxo pós-moderno, as tecnologias fornecem acesso e rapidez nas atividades diárias, porém temos cada vez menos tempo. “Quanto mais depressa se anda, menos tempo se tem” (LIPOVETSKY, 2011, p. 82).

Nas sociedades individualistas nada depende do sujeito, mas é preciso se organizar segundo o tempo, este é o senhor do comando. É necessário fazer as coisas com cálculos e previsões, é necessário precisão e organização.

Ainda em relação ao tempo, pode-se destacar a ideia de consumo e necessidade referente ao mesmo. Em tempos anteriores, o consumo familiar era reduzido, pois alguns objetos tinham caráter coletivo, porém, com a força do individualismo atrelado a velocidade e força do consumismo, esse caráter ficou no passado. Exemplos são claros e

diversos, antes se possuía um telefone para a família, um carro, uma televisão, mas com a sociedade individualista se tem a valorização dos desejos pessoais atrelados as necessidades do tempo presente também associados ao hedonismo. Na pós-modernidade o que está em jogo é a satisfação dos prazeres pessoais.

Hoje os sistemas digitais são feitos para a satisfação da individualidade. Totalmente diferente do tempo das tradições, que não havia espaços para as individualidades. Havia o tempo para o trabalho, tempo para as festas, para a religiosidade, tudo baseado na coletividade, baseado nas regras. A proposta apresentada pela cultura pós-moderna é multidimensional, o sujeito participa de diversas esferas, e ao mesmo tempo, valoriza sua individualidade.

Mesmo com o avanço do consumismo e a força que as grandes massas empregam na felicidade de obter coisas novas, a vertente trabalhada na atualidade se baseia também no consumo de espaços e situações, não se limita somente a adquirir objetos. Hoje a garantia de felicidade se dá por meio do consumo e pelo desejo de qualidade de vida.

Isso se torna notório em diversas esferas; os ambientes são feitos para agradar, devem ser confortáveis, um espaço belo de bem estar. Lipovetsky afirma que “na era das megalópolis, a qualidade de vida reclama uma política de qualidade para os transportes coletivos, em que o bem estar e a estética sejam considerados um investimento importante, mensageiro da cultura destes tempos” (2011, p. 173).

Nesta nova perspectiva em que o sujeito se identifica com a produção e o com consumo, aparecerá também a esfera da religião, como produtora, no seu relacionamento com o sujeito que consome o religioso. Este dado será objeto de estudo no terceiro capítulo.

1.3 A nova concepção de sujeito

O novo sujeito se distancia do modelo construído na modernidade. Na pós-modernidade ele se afirma a partir de escolhas não mais vistas do coletivo, das instituições, mas firmadas no próprio interesse.

A afirmação mais forte da modernidade era a de que somos aquilo que fazemos. Nossa experiência mais viva é que não somos aquilo que fazemos,

que somos cada vez mais estranhos aos comportamentos que os aparelhos econômicos, políticos ou culturais, que organizam a nossa experiência, nos fazem desempenhar. (TOURAINÉ, 2003, p.29)

Para a pós-modernidade a concepção de sujeito é totalmente diferente do que era apresentado pelo modelo clássico mostrado por Touraine: “Institucionalização e socialização são os dois mecanismos fundamentais que estabelecem entre sociedade e o indivíduo um jogo de espelhos” (2003, p.32).

A partir dessa concepção clássica a noção de indivíduo só é construída ou formada, quando este participa da vida coletiva e da contribuição, do funcionamento da sociedade, somente deste modo, se torna realmente humano. Este modelo antigo parte da seguinte estrutura: racionalização/ individualismo moral/ e funcionalismo das instituições.

As causas da destruição da ordem social estabelecida no período clássico são o lucro capitalista, o próprio dinheiro e o espírito das empresas (TOURAINÉ, 2003, p. 32). A tentativa de restabelecer uma ordem é fracassada, pois o novo modelo (de sujeito) ao fazer esta tentativa, sempre buscará pelo estabelecimento a seu interesse, subordinado a si.

De acordo com Touraine (2003, p. 32) a oposição entre o indivíduo e a ordem social, entre o prazer e a lei, foi afirmada primeiro por Nietzsche e por Freud. Assim a ideia de nação é agora compreendida com noção de identidade⁴ e não mais como expressão de uma coletividade livre, defendida pelo modelo clássico. E por fim Touraine (2003, p. 33) afirma que outra característica forte neste novo modelo, é a passagem da sociedade de produção, para a sociedade de consumo, pensamento também trabalhado por Chul Han (2017).

O problema central que atinge e aflige o sujeito pós-moderno de acordo com Touraine (2003, p. 33) é a dissociação existente entre a economia e cultura com as

⁴ Stuart Hall apresenta o conceito de identidade a partir de três visões. As concepções de identidade do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. A primeira visa o sujeito baseado na concepção da pessoa humana, como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior (...) O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 10-11). A segunda concepção visava a complexidade do mundo moderno e mostrava que o sujeito não é autônomo, mas está em relação com outras pessoas, que são importantes para ele, pois transmitiam cultura. Sendo assim, neste segundo modelo, identidade é interação. A terceira concepção apresenta o sujeito como fragmentado, composto não mais de uma, mas de várias identidades; e os processos de identificações se tornaram mais provisórios, variáveis e problemáticos (cf. HALL, 2006, p. 12). Este terceiro modelo define identidade como algo móvel, que se transforma constantemente.

trocas de identidades; há uma ruptura entre a liberdade pessoal e a eficácia coletiva. Para representar melhor este termo “dissociação”, o autor prefere usar o conceito de “desmodernização” a usar “pós-modernidade”.

Por outro lado, não devemos ver a desmodernização⁵ como algo ruim ou negativo. Apresenta também aspectos que contribuem. Touraine (2003, p.) fala sobre a vida do sujeito e o modelo das cidades que sofreram muito neste processo de desmodernização e afirma:

Somos atraídos e amedrontados pela vida das grandes metrópoles e raramente nos deixamos levar pela saudade da pequena aldeia (...). As sociedades abertas podem ser vivenciadas como selvagens, mas as sociedades fechadas parecem prisões. (TOURAINÉ, 2003, p. 37)

Para o autor a construção de uma personalidade em uma sociedade que tende a organizar-se a partir do consumo, não tem princípio de integração (2003, p.69), pois para ele a cada instante estamos mais privados de tempo e de espaço. As crises que a sociedade sofre, em seus diversos âmbitos, não deixam de ser na verdade uma crise do individual na questão da formação da própria identidade pessoal. Ao referir-se ao sujeito pós-moderno é necessário citar uma desintegração tanto da sociedade quanto da personalidade, ou seja, conflito e identidade.

Assim afirma Touraine:

O que hoje ameaça mais diretamente o sujeito é esta sociedade de massas onde o indivíduo foge de toda referência a si mesmo, onde é um ser de desejo em ruptura com todo princípio de realidade, à procura de uma libertação pulsional ou, em outras palavras, impessoal. (TOURAINÉ, 2003, p. 70)

É perceptível a reprodução de estereótipos e modelos criados e expostos para serem seguidos. Hoje a construção da identidade parte de moldes pré-estabelecidos pela sociedade com uma promessa de felicidade e realização.

⁵ O conceito de desmodernização está para a ideia de desconstrução de modelos construídos pela própria modernidade. Exemplo desse processo é a fragmentação da vida social e a busca por definir a individualidade em todas as suas esferas: sexual, religiosa, cultural, etc. Para Touraine é um processo de ruptura com o modelo clássico moderno. Desmodernização é a “dissociação de dois universos, o das técnicas e dos mercados e o das culturas, o da razão instrumental e o da memória coletiva, o dos signos e o do sentido. [...] Dissociação entre economia e culturas e entre trocas e identidades. [...] Desmodernização defini-se pela ruptura dos laços que unem a liberdade pessoal e a eficácia coletiva.” (TOURAINÉ, 2003, p. 36)

Numa cultura de massas, a sua autenticidade é praticamente impossível, na verdade o que existe, são reproduções de modelos pré-existentes apresentados por padrões pré-estabelecidos. Ou seja, há assim, um aniquilamento da identidade.

“O sujeito se acha tão ameaçado no mundo de hoje, pela sociedade de consumo que nos manipula ou pela busca de um prazer que nos aprisiona em nossas paixões, como o era no passado pela submissão à lei de Deus ou da sociedade.” (TOURAINÉ, 2003, p.70). Ou seja, o que era visto como sistema opressor no passado, só foi trocado de aparência, mas o sistema continua o mesmo, de Deus/sociedade para consumo/padrões.

Vivemos uma desintegração e isso gera um sofrimento no indivíduo que no fundo não sabe mais quem é. Tudo se vê dividido.

A nossa patologia principal teve sua origem por longo tempo no peso repressivo que as proibições, as leis exerciam sobre nós; vivemos uma patologia às avessas, a da impossível formação de um eu, afogado na cultura de massa ou encerrado em comunidades de massas. (TOURAINÉ, 2003, p. 71)

Assim, o sujeito que temos e presenciamos hoje, com todas as características que o englobam, como a busca pelo bem estar, o hedonismo, a busca pela qualidade de vida, só refletem uma cura não para a degradação coletiva, mas sim pela restituição do próprio indivíduo dilacerado; não se tem uma solução que atinja um grupo, mas maneiras de atenuar as feridas existenciais individuais.

Touraine afirma:

Essa experiência de divisão pessoal, da perda de identidade à qual resistimos, dando tamanha importância à auto-estima, ao desenvolvimento, à autonomia em suma, leva-nos a procurar, antes de tudo, não superar as contradições sociais, mas curar o sofrimento do indivíduo dividido, pois este não pode mais recorrer a um deus criador, a uma natureza organizada ou a uma sociedade racional. O sofrimento individual é a principal força de resistência à divisão imposta pelo mundo desmodernizado. (TOURAINÉ, 2003, p. 71-72)

A pós-modernidade proporciona o surgimento de esferas de vidas que antes não recebiam espaços ou que eram totalmente separadas. Criam-se subsistemas, não há mais um sistema único e controlador, mas subsistemas e a separação de esferas de vida, deste modo, destacam-se o surgimento da vida privada.

Frente a essa mudança de atitude do homem pós-moderno, que rompe com o modelo clássico e que toma para si o novo modo de ser no mundo, também a sexualidade, enquanto esfera humana, assume novos parâmetros. Com a perda da força que as grandes instituições tinham sobre o homem moderno e da influência que exerciam em sua vida, este agora toma para si um novo jeito de viver a sua sexualidade. Visto que o pensar a partir da individualidade resultará em novas maneiras de se relacionar. Sendo assim, o segundo capítulo discorre um panorama de como este novo sujeito trabalha a questão do sentimento e de que modo os relacionamentos vão se tecendo na pós-modernidade.

CAPÍTULO 2

A PÓS-MODERNIDADE, A VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E SUAS TENSÕES

Este segundo capítulo analisa a questão da sexualidade na pós-modernidade; como ela é compreendida enquanto elemento social e também como o sujeito pós-moderno a interpreta. Deste modo, mostraremos a vertente da sexualidade trabalhada com base no pensamento de três autores: Touraine, Han e Lipovetsky e quais são os desdobramento da mesma para cada um deles.

Após exemplificar no capítulo anterior o sujeito que se encontra dividido e a falta de referência que este sofre, o mesmo processo será aplicado ao se referir à sexualidade. Os mesmos autores serão utilizados para sustentar tal teoria. A ideia de consumo também aparecerá no âmbito da sexualidade, atrelada totalmente com a questão da imagem e a força que esta exerce sobre o sujeito (cf. HAN, 2017, p. 65).

O objetivo da pesquisa é mostrar como que a sexualidade no âmbito das relações se encontra frágil, vazia, insegura e fragmentada. Porém, por outro lado deve ser levado em conta, que mesmo com tamanha fragilidade, nunca foi tão possível debater, dialogar e discutir sobre tal tema. Mesmo sendo efêmero a sexualidade no que se refere à sua vivência, é totalmente consistente e amplo no que diz respeito à sua discussão, possibilitando o diálogo e abertura no que cerne à diversidade e pluralidade.

Na pós-modernidade a sexualidade ganha espaço de destaque nas grandes discussões. Não só a sexualidade, mas tudo o que está acerca dela, sejam sentimentos, relacionamentos, questões de gênero e preconceitos. “Em todos os momentos da história o corpo masculino e feminino, assim como a sexualidade, é evidenciado pelos parâmetros e valores que embasam a época vivenciada em meio aos seus desafios, constituindo-se em referenciais identitários” (LAGO, 2016, p. 310).

Sendo assim, pode-se afirmar que a sexualidade é um fenômeno social e histórico, porque assume determinados comportamentos e maneiras de se manifestar perante a sociedade e época em que se encontra. Deste modo, a sexualidade recebe também a função de formadora identitária; o sujeito que constrói sua história a partir do modelo sexual de sua época e sociedade. Pois, para Lago, toda organização social, para que seja estruturada, tem que lidar com a dimensão sexual, pois esta é parte intrínseca do ser humano. Essa relação pode acontecer de diversas maneiras, seja enquanto

controle, liberação ou capacidade criativa. O que se evidencia é que “a sexualidade revela-se um domínio importante para a constituição do sujeito” (2016, p.310).

Podemos dizer que a sexualidade é um dos grandes enigmas da constituição humana, pois a tentativa de reduzi-la a um simples conceito ou a tentativa de uma padronização sempre conduziu ao fracasso.

Ao longo da história a sexualidade foi muito reprimida por questões morais, religiosas e normativas. Todas essas atitudes contribuíram para a ideia negativa desta esfera humana e pelo pouco avanço no conhecimento de tal. E ainda hoje, a sexualidade é vista por muitos como um tabu⁶, como algo a não ser falado; uma forte ideia de promiscuidade é relevante no aspecto do sexual.

Outro ponto que deve ser levado em conta é a desconstrução, ou melhor, a reinterpretação que o termo sexualidade vem sofrendo tanto no aspecto social, psicológico e cultural.

A sexualidade engloba relação, linguagem, expressão, identidade, porém, vem sofrendo uma reinterpretação devido às projeções sociais e culturais. A sexualidade, e todos os temas que a englobam, na atualidade são vistos meramente como a busca do prazer reduzido ao ato sexual; sexo como puro prazer. Ou seja, minimiza-se todas as capacidades e características que a compõe.

Parte dessa associação de sexualidade ligada ao prazer e ao desejo foi gerada por um fator negativo, devido à influência do cristianismo acerca da compreensão de sexualidade ligada ao desejo. Anulando deste modo, a sexualidade enquanto relação, linguagem, expressão e condição humana (Cf. LAGO, 2016, p. 310).

Porque a sexualidade tem sido pensada a partir do desejo (enquanto pecado no cristianismo), foi necessário postular um bloqueio entre o sonho e seu conteúdo pelos mecanismos de repressão e conversão, de modo a permitir que o conteúdo do sonho seja compreendido como repressão da verdade do desejo. (CANDIOTTO apud LAGO, 2016, p. 310)

Sendo assim, a sexualidade terá um valor fundamental na pós-modernidade no que se refere à formação do sujeito; por meio de valores morais e comportamentais.

Assim afirma Touraine:

⁶ Termo polinésio que significa simplesmente proibir ou proibido e que passou a indicar a característica sagrada da proibição em todos os povos primitivos e qualquer proibição não motivada em todos os povos (ABBAGNANO, 1999, p. 936).

A sexualidade ocupa um espaço central na formação do sujeito, porque ela remete para uma experiência individual, para o envolvimento da personalidade à volta dessa experiência, que é ao mesmo tempo um vivido pessoal, uma relação com o outro e, mais profundamente, uma consciência de si voltada para a relação com a vida e com a morte. O que aqui é dito tem uma consequência imediata. A sexualidade é a construção de comportamentos de sexo. Há, pois que reconhecer a existência de condutas sexuais que não contribuem para a construção de uma sexualidade complexa, mas comprovam a autonomia do sexo, único que possibilita a construção da sexualidade. Esse sexual isolado da sexualidade como construção cultural é aquilo a que nós chamamos o erotismo. A sua ambiguidade e a sua importância resultam do fato de em primeiro lugar ele continuar a ser sexo, mas esconder também uma relação consigo e com os outros. Se ele for inteiramente destacado de tudo o que é a sexualidade, degradar-se-á em pornografia. Penso que a relação sexualidade moderna e pós-moderna se dá na sexualidade/erotismo. (2005, p. 19)

A força do estético está intrinsecamente ligada à sexualidade. Na sociedade pós-moderna os relacionamentos se fundamentam na força e no poder da imagem e da beleza, que conduz ao prazer.

As relações parecem deixar de ser primeiramente de cunho afetivo para basearem-se na dimensão estética, no prazer. A estetização dos corpos, dos espaços, são expressões desse processo, uma vez que homens e mulheres gastam fortunas à procura do corpo perfeito (...) Nesse sentimento, a perspectiva de transgressão pelo sexo pode se dar a transgressão da sexualidade, da identidade, alienadas culturalmente em outras sexualidades. Assim, a sensação de vida parece ser sentida no lançar-se desreferenciado, o que, no fundo, provoca um intenso revisor da condição humana. (LAGO, 2016, p. 311)

Nesta perspectiva pode-se afirmar que há uma transgressão da sexualidade e de sua vivência, pois existe uma racionalização do afeto. Isso se deve a liberdade e a multiplicidade de escolhas proporcionada pela ampliação das tecnologias.

Como já apresentado no capítulo primeiro a respeito do sujeito, a sexualidade também sofre forte influência dos meios mediáticos. Pode-se dizer que este na pós-modernidade seja o “grande formador” de modelos, estereótipos a serem seguidos. Porém, no âmbito da sexualidade esta força da imagem e da mídia conduz à erotização.

“A erotização do corpo salta assustadoramente da intimidade para a exposição banal, dando origem a uma nova discursividade do sexo e do eu” (LAGO, 2016, p. 311). Nessa mesma perspectiva Touraine afirma: “O seu corpo não é uma adição de pernas, de um rosto, de um peito, é um conjunto. Ora, a noção de corpo está ameaçada pela mercantilização da sexualidade. Olhe os anúncios: a atenção é fixada numa mão, nuns seios, numa cabeça, de maneira fetichista” (2001, p. 98)

Para Han (2017, p. 33) o amor nos dias de hoje, nada mais é do que “necessidade”, “satisfação” e “gozo”. Assim a sexualidade como elemento constitutivo do ser humano é vista (utilizada) como mercadoria que “deve” ser consumida (cf. 2017, p. 33-34).

A força da imagem e da cultura sobre a imagem e da exposição do erotismo tende somente a evidenciar a aceitação daquilo que o mercado oferece, ou seja, consumo. O processo acontece da mesma maneira, há uma mercantilização do aspecto sexual. Deste modo, pode-se falar da sexualidade não somente como uma zona de relacionamento e de discussão acerca da afetividade⁷, mas na perspectiva de uma vertente reducionista que diminui a sexualidade ao sexo, ou ato sexual, de uma maneira egoísta de satisfação do prazer próprio.

As indústrias da beleza e da estética reforçam ainda mais estas características, promovendo e enaltecendo a ideologia de um padrão de beleza universal. Vive-se o momento da cultura do corpo, e esta cultura está diretamente ligada à sexualidade.

A busca pelo prazer individual na modernidade tem sido cada vez mais o reforço da individualização. O que está em jogo afinal é a busca pela felicidade através do prazer. Uma busca de realização própria.

A ideia de felicidade se desenvolveu com a própria modernidade, mas apenas com o esgotamento de todos os fiadores meta-sociais da ordem social, com a recente ambivalência de nossas atitudes para com a nação como também para com o crescimento, concedemos um lugar central à ideia de felicidade. O inverso da felicidade, impõe-se a nós com igual força. (TOURAINÉ, 2003, p. 78)

Neste sentido deve-se evidenciar que por mais que as infelicidades vivenciadas partam de questões exteriores, como políticas e assuntos sociais; a questão da felicidade surge de um desejo interno, individual, ou seja, a busca da realização de cada um, pelo menos a priori.

Touraine (2003, p. 82) ainda afirma que passou o tempo das morais do dever, semelhante às pregadas pelas religiões e que surge agora à procura da felicidade, não ligada a uma moral da intenção e da pureza. “O sujeito, que tem seu fundamento na

⁷ Conjunto de afetos experimentados ou possíveis. Quando se trata dos afetos sensoriais anteriores a qualquer reconhecimento, parece que o seu papel varia em função da intensidade. Designação geral das emoções, dos sentimentos e das paixões, especialmente considerados relativamente a um determinado indivíduo (LEGRAND, 1983, p. 24).

vontade pessoal de felicidade, é a única força capaz de fazer nascer o diálogo e a compreensão mútua entre tendências que desmembram a experiência pessoal como também a vida social” (TOURAINÉ, 2003, p. 82).

2.1. A fragmentação da sexualidade

Existe uma diferença entre o que se compreendia por amor no passado e a compreensão de amor nos dias atuais. Não existe mais o desejo de negação de si, de anulação para a realização do outro, ou pelo menos para a completude do outro. O que acontece nos dias de hoje é justamente o contrário: “Hoje permanecemos iguais e no outro só se busca ainda a confirmação de si mesmo” (HAN, 2017, p. 39).

Também o amor entra na era do consumo. O que se expõe e se tenta vender é um amor de plenitude, livre de qualquer sentimento de sofrimento ou de qualquer tipo de negatividade⁸, um amor perfeito, e lógico que este tipo de “mercadoria” levará à frustração. “Evita-se toda e qualquer negatividade, todo sentimento negativo. Sofrimento e paixão dão lugar a sentimentos agradáveis e excitações sem maiores conseqüências” (HAN, 2017, p. 40).

Cada vez mais o indivíduo não sabe lidar com a negatividade, com os sofrimentos, com as perdas, com as dores ou com as coisas que não agradam a própria vontade. Vive-se em um tempo em que a realidade se baseia somente no prazer, na realização, na satisfação, no bem pessoal, muitas vezes, ou quase sempre em detrimento do coletivo.

Deste modo afirma Han:

Na era da “rapidinha”, do sexo oportunista e do sexo relaxante, também a sexualidade perde toda e qualquer negatividade. A total ausência de negatividade transforma o amor, hoje, num objeto de consumo e o reduz ao cálculo hedonista. A culpidez do outro dá lugar ao conforto do igual. O que se busca é o confortável, em última instância, a espessa imanência do igual. Ao amor hodierno falta toda e qualquer transcendência. (HAN, 2017, p. 40)

⁸ Aquilo que efetua ou implica uma negação, ou seja, uma exclusão de possibilidade. Uma entidade negativa não implica que subsiste a entidade positiva correspondente à qual depois é acrescentada a negação, mas é simplesmente a exclusão de uma possibilidade e, na maior parte das vezes, de uma possibilidade formulada somente com o fim de excluí-la. (ABBAGNANO, 1999, p. 709)

Para Han a pornografia é totalmente contrária ao eros, pois ela desnuda e expõe o mistério que o erótico traz em si; ela rompe essa comunicação: “o rosto desnudado, reduzido unicamente a sua expositividade, desprovido de mistério e expressão, é obsceno e pornográfico” (2017, p. 61). Além do mais, ele salienta que esta pornografia não se limita somente na esfera da sexualidade, mas que nos dias atuais se vive em uma sociedade pornográfica, onde tudo é exposto e os mistérios são aniquilados. Essa exposição social ou pornografização, termo utilizado pelo próprio autor, tem como fonte o capitalismo, que visa tudo como mercadoria, retornando a ideia de consumo. “As cercas divisórias ou os muros que são erigidos hoje em dia não movem mais as fantasias, pois não geram o outro. Ao contrário, percorrem o inferno do igual, que segue apenas as leis econômicas. [...] O que produz esses novos limites é o capital.” (HAN, 2017, p. 74). Existe deste modo, uma profanação do eros na pornografia.

Neste caso Han (2017) adota a mesma expressão utilizada por Agamben para se referir aquilo que deixa de ser sagrado. Neste sentido, tanto para Agamben quanto para Han a profanação se realiza como processo de desritualização e dessacralização. Isso para evidenciar o modo de vida hodierno, que se torna mais claro, aparente, mais desnudo e obsceno, perdendo o mistério, tudo é desvelado, perde-se a ritualidade do tempo, das atividades da vida, aos poucos tudo se torna profano. Assim afirma Han:

A desritualização do amor se realiza na pornografia. A profanação de Agamben dá impulso, inclusive, ao processo atual de destruição de ritos e a pornografização do mundo, colocando em suspeita espaços rituais como se fossem formas de coerção da separação eletiva. (HAN, 2017, p. 62)

Esse processo de desritualização se assemelha a banalização, na posição de Han, fazendo com que até mesmo o ato em si seja vazio e sem sentimento: “Mesmo o sexo real se transforma hoje em pornografia. A pornografização do mundo se realiza com sua profanação.” (HAN, 2017, p. 56) percebe-se assim, que a pornografia não se limita somente à esfera de imagens ou no campo cenográfico, mas ele é também exercida na esfera relacional, quebrando o mistério e o encanto do eros.

Han reafirma sua ideia ao citar Beaudrillard que propõe que a finitude da sexualidade não se dá por normativas ou por conceitos defendidos e reprimidos na história da humanidade, mas que ela se esvai no sentido mais puro do seu ser quando ela se torna obscena e vazia. “A sexualidade não se desvanece na sublimação, na repressão

e na moral, mas muito provavelmente naquilo que é mais sexual que o sexual: na pornografia” (Beaudrillard apud Han, 2017. p. 55).

Outra esfera que deve ser levada em consideração e que Han trata de maneira clara é a imaginação. Esta por sua vez está totalmente associada à questão da sexualidade. “A falta de informações levaria a supervalorizar a alguém, atribuir-lhe uma mais valia, ou a idealizá-lo” (HAN, 2017, p.63). A força da imaginação idealiza um ser que muitas vezes não existe. Ainda mais numa geração que a imagem, como dito anteriormente, tem um poder estrondoso.

Por outro lado, o excesso de imagem, produz também, mais informações, fazendo com que se crie um forte processo de racionalização, isso se deve à crescente liberdade de escolha.

As imaginações de hoje, ao contrário, em virtude da técnica digital de comunicação, estariam carregadas de informações: “A imaginação antecipada, intermediada pela Internet [...] pode ser qualificada como o contraposto de uma imaginação pobre em informações [...] A imaginação que informa através da Internet [...] está ancorada num ajuntamento de marcas características, ao invés de ser totalitária; e nessa constelação específica, parece que as pessoas dispõem de muitas informações e com isso têm menos facilidade e não estariam em condições de idealizar. (HAN, 2017, p. 64)

O grande problema dessa influência da imaginação é a decepção gerada pela mesma. O sujeito tem liberdade de escolha e liberdade de imaginar qualquer tipo de coisa a respeito das informações fornecidas, como a própria imagem ou características do outro. Isso passa pelo filtro dos anseios pessoais, e quando não correspondido com as expectativas criadas surge a frustração. “Por isso que, hoje, muito mais facilmente a gente se ‘decepção’. A decepção seria uma ‘conhecida escrava da imaginação.’” (HAN, 2017, p. 64).

O sujeito moderno se torna fragmentado enquanto sujeito em construção na medida em que é influenciado pela cultura mediática.

Hoje, também a Internet contribuiria para se apontar o sujeito moderno como sujeito cobiçoso, como um sujeito que anela por experiências, que sonha acordado com objetos ou formas de vida, fazendo experiências de modo imaginativo ou virtual. O si - mesmo moderno perceberia seus desejos e sentimentos em grande medida de maneira imaginativa através de mercadorias e imagens midiáticas. Sua força da imaginação estaria determinada sobretudo pelo mercado de bens de consumo e pela cultura mediática. (HAN, 2017, p.65)

A imagem possui força e influência sobre o indivíduo, pela velocidade que ocorre e com a intensidade que é exercida, característica da sociedade pós-moderna.

Diante da enorme quantidade de imagens hipervisíveis, hoje já não é possível fechar os olhos. Também a mudança veloz das imagens não nos concede mais tempo para isso. Fechar os olhos é uma negatividade que não se coaduna bem com a positividade e hiperatividade da sociedade acelerada de hoje. (HAN, 2017, p. 73)

A velocidade de informações e expressões que as imagens proporcionam na atualidade impede muitas vezes até mesmo de atingir a assimilação do conteúdo, porém, não tem como negar a influência que a imagem causa. Não conseguimos fugir deste sistema, mas podemos pelo menos ter conhecimento deste fato e filtrar conteúdos.

2.2 Otimismo frente à sexualidade pós-moderna

O pensamento de Gilles Lipovetsky (2011, p. 87) é bem diverso do que foi apresentado até aqui, para o autor vivemos um paradoxo de uma sexualidade ajuizada, pois defende que temos a possibilidade, se assim for da nossa vontade, de nos depararmos com a pornografia 24h por dia, pois tudo se encontra ao alcance por meio da internet, porém não é isso que acontece.

De acordo com a linha de pensamento do autor, a liberação sexual não levou à anarquia, ou à orgia, ou até mesmo à banalização completa. Na verdade, é quase o inverso. Lipovetsky (2013, *online*) assume a posição de defesa do modelo no qual as relações afetivas se apresentam nos dias atuais. Enquanto muitos afirmam, que tudo é orgia, pornografia e que o erótico ganha cada vez mais espaço, para ele isso é fruto de uma visão puramente ignorante; é como não olhar a volta, não observar. O autor defende a ideia de que ao contrário de antigamente as pessoas decidem realmente o que querem, o desejo de estarem com outras pessoas surge do fruto da liberdade. Salienta que os casamentos atuais não são forçados ou arrumados, mas escolhas pessoais; se são duradouros ou não é outra questão, o que está em jogo é o exercício da escolha, pois se podem ter casamentos forçados que duraram muito tempo por conta de acordos. Para ele, o sentimento é o fundamento da relação do casal, assim valoriza a questão dos relacionamentos na pós-modernidade.

Afirma ainda que a aceleração das velocidades não aboliu nem o amor, nem o interesse pela qualidade, nem a aspiração por uma vida equilibrada, no que se refere à ligação entre trabalho e lazer (LIPOVETSKY, 2011, p. 87). A sociedade pós-moderna é marcada por multidimensões e que estas esferas são marcadas pelo excesso.

Não só ao que se refere a sexualidade, mas a respeito de tudo Lipovetsky (2011, p. 25) salienta que precisamos parar de associar a pós-modernidade ao “apocalipse”; no sentido de que tudo o que acontece seja catastrófico; para ele é fundamental reconhecer que há beleza no tempo atual.

Segundo o autor, muito dos problemas e dificuldades que enfrentamos são gerados pela individualização extrema das nossas sociedades, fazendo com que haja um enfraquecimento na capacidade de resistência dos indivíduos. Tendo assim uma vasta desorganização da personalidade, causadora dos diversos problemas encontrados hoje.

O posicionamento de Lipovetsky é tão otimista que afirma: “Não podemos esquecer que a sociedade pós-moderna é uma sociedade em que há mais longevidade, em que os indivíduos se fortalecem, em que há ferramentas, próteses que permitem aos indivíduos ultrapassarem seu mal estar e seus problemas” (LIPOVETSKY, 2013, *online*). Isso para contrapor a forte tendência apocalíptica de ver o mal em todas as esferas da sociedade apresentadas por outros pensadores. A grande motivação social deve ser a de que por mais que existam milhares de empecilhos, há possibilidades freqüentes de recomeçar.

Após analisar o modo como o sujeito pós-moderno se relaciona com a sociedade em que vive, e como ele lida com a sexualidade, faz-se necessário trabalhar como a religiosidade enfrenta a questão da sexualidade diante de um novo modelo de sujeito e de sociedade. Sendo assim, analisaremos os embates que a esfera religiosa sofre com a própria sociedade e como ela dialoga a respeito da sexualidade com os adeptos. Por tratar de um diálogo, tem-se também a devolutiva do sujeito para com a religião.

CAPÍTULO 3

RELIGIÃO E SEXUALIDADE: EMBATES NA PÓS-MODERNIDADE

Após apresentar o conceito de sexualidade na esfera da pós-modernidade mediante o pensamento de Touraine, Han e Lipovetsky, neste terceiro capítulo o objeto de estudo será o sujeito, que não tem mais referência das grandes instituições, vive a sua sexualidade mediante a atitude e experiência religiosa.

O objetivo deste capítulo é mostrar a naturalidade existente diante do que se é e diante daquilo que se acredita, não havendo, como era antigamente, o peso moral de determinadas atitudes frente à crença religiosa. A discussão deste terceiro capítulo se debruça sobre os embates vivenciados com este novo modelo de homem, pois mesmo re-significando sua vida e seu modo comportamental, permanece sendo um sujeito religioso.

Importante levantar a reflexão entre sexualidade e religião, pois ambas as esferas ditam modelos de vida na sociedade pós-moderna. “A predominância crescente de uma ideologia que valoriza a individualidade, assim como a secularização, re-significa as práticas sociais, desloca as fronteiras das instâncias que compõe a sociedade e modifica a gestão da religiosidade sobre a sexualidade” (SILVA, 2008, p. 684).

O ser humano pós-moderno cria um novo modelo de ser e estar no mundo, como foi mencionado nos capítulos anteriores, e a vivência da sexualidade também será afetada por este novo comportamento assumido. Não só a sexualidade, mas o discurso religioso acerca da mesma. Numa sociedade que se reelabora, o discurso tradicional vai perdendo espaço.

O problema apresentado é justamente que a esfera religiosa será adaptada ao novo modo de ser. O que vemos neste novo cenário é uma troca de papéis. Se no modelo antigo, a instituição é que ditava a maneira de ser, de se comportar, neste novo modelo, o homem usará da religião segundo o seu benefício, segundo suas necessidades. Não concebe mais a religião ou a religiosidade como algo castrador ou negativo, mas um elemento que se adapta as necessidades do homem pós-moderno.

Lógico que este discurso parte da ótica unilateral de um conjunto complexo, pois ao mesmo tempo em que se elabora e se produz este tipo de pensamento, por parte do sujeito pós-moderno, gera-se, por outro lado, o discurso conservador ou tradicional, que

enxerga este novo modelo como impróprio, pois não condiz com os elementos e fundamentos propostos pela base religiosa.

Os sentidos e significados atribuídos à sexualidade, à iniciação sexual, ao sexo antes do casamento e a homossexualidade, à gravidez não planejada e ao aborto, às vezes tornam mais flexíveis a moralidade tradicional e as regras predominantes no discurso religioso; em outros momentos, tendem a reforçar mais fundamentalistas numa rígida moralidade. (SILVA, 2008, p. 690)

O que queremos salientar aqui é que este segundo discurso parte, na maioria das vezes, da instituição religiosa, que frente às mudanças do tempo se sente ameaçada. Para o sujeito que vive diariamente as mudanças sociais, e que não é alheio a esses novos modelos, não se tem tanta preocupação; isso não é um problema, pois consegue fazer a justa medida e a adequação entre sua vida sexual e a vida religiosa. Esta muitas vezes realizada segundo seus interesses.

Percebe-se que até a relação que a família tem com a religião foi modificada. Hoje, dentro de um mesmo seio familiar, existem várias confissões religiosas, e muitas vezes, elas dialogam entre si. Isso demonstra também que cada vez mais as pessoas procuram se aproximar do grupo religioso que dialoga com sua própria disposição moral.

Na pós-modernidade, o sujeito religioso é autor da sua religiosidade, pois é ele que recria os ensinamentos propostos, porém com modificações, pois emprega o dado empírico da vivência de tais ensinamentos. Deste modo, podemos afirmar, que todo conhecimento e formação religiosa adquirida e transmitidas por algum líder religioso passa pelo cunho da análise da própria individualidade, como um processo de filtro. Assim afirma Silva:

A relação de autoridade que os fiéis estabelecem com suas lideranças e referências religiosas, serve às necessidades individuais e sociais da pessoa e do grupo; mesmo as escolhas das autoridades religiosas refletem processos cognitivos, emocionais e sociais. (SILVA, 2008, 684)

Sendo assim, a relação entre líder religioso e fiel não é simplesmente cultural ou ritualística, mas um relacionamento que envolve a realidade diária e as necessidades daquela pessoa. A influência que esta autoridade tem sobre a pessoa, no caso o fiel, molda a maneira como se vive e as decisões que toma tanto no âmbito pessoal como no social.

3.1 Experiência religiosa X vivência sexual

Entre as religiões existe uma diferença quando se trata de como cada uma se relaciona com o conceito de sexualidade. Umas se mostram mais abertas, outras mais conservadoras e ortodoxa. Silva (2008) realizou um trabalho de campo que recolhe essas informações. Foram entrevistados jovens e autoridades religiosas pertencentes à Umbanda, ao Candomblé, ao Cristianismo católico e pentecostal⁹.

Segundo Silva

a sexualidade foi reconhecida como foco de interesse e reflexão em todas as comunidades religiosas estudadas. O sexo foi significado como sagrado, concebido como dádiva de Deus ou presente dos Orixás e a religiosidade ganha legitimidade para normatizar o ethos privado e a dimensão sagrada da construção da sexualidade, dos corpos e dos desejos assim como a presença de uma ordem moral e padrões de conduta considerados como ideais. Cada denominação religiosa desenvolve modos específicos de orientar comportamentos e de disciplinar seu rebanho. Os entrevistados não se envergonham da sexualidade. Concebem-na como divinizada, na maioria das entrevistas, se esta sexualidade estiver orientada pela moral que valorizam, compartilham e re-significam. (2008, p. 686)

Boa parte dos jovens que foram entrevistados afirmam que a vida religiosa que levam pertence a uma herança familiar, como uma adesão que vem de berço, ou seja, a religiosidade transmitida pelo pai ou pela mãe. Mas nem todos vivem a religiosidade de acordo como a religião propaga. Essa herança transmitida vem acompanhada de uma flexibilidade, influência do modelo de sociedade na pós-modernidade que permite esse autocontrole pessoal, esta individualização também na esfera religiosa. Este fato não se apresenta como um problema, os jovens entrevistados aceitam a religião que receberam de herança pela família, mas não percebem tanto uma necessidade de assiduidade no composto das praticas exigidas pela própria religião.

Os católicos indicaram que podem viver a herança religiosa familiar sem participar mais efetivamente dos rituais e das atividades da comunidade. Essa flexibilidade pode facilitar posicionamentos mais independentes da moral católica disseminada pelo Vaticano, como no caso do uso do preservativo e do sexo antes do casamento. Evangélicos pentecostais, por outro lado, enfatizaram que sua adesão religiosa, mesmo quando iniciada por herança familiar, só foi considerada como uma adesão completa quando fizeram sua própria escolha pessoal. (SILVA, 2008, p. 686)

⁹ O autor se limitou a estas confissões religiosas, pois seu artigo deriva da pesquisa “Jovens e religião – sexualidade e direitos entre lideranças católicas, evangélicas e afro-brasileiras” realizada por meio de edital PROSARE/CEBRAP 2006. Integra a pesquisa “Respostas Religiosas ao HIV/AIDS no Brasil”, financiado pelo U.S. National Institute of Child Health na Human Development.

Tanto os jovens como as autoridades pertencentes à Umbanda trataram a sexualidade como um canal pelo qual se troca energias, sendo assim, é merecedor de cuidado e atenção, para não serem trocados com qualquer pessoa, pois por meio dessa troca deve-se valorizar o intercâmbio de coisas boas. Segue o depoimento de uma jovem garota umbandista: “(...) *Eu não troco minha energia com qualquer um. (...) Eu acho que o principal ponto na minha religião é a questão da energia. É a troca da energia que é uma energia sublime, é uma energia criadora, mesmo que seja só por prazer, é criadora.*” (cf. SILVA, 2008, p.686, grifo do autor)

De acordo com Silva os jovens católicos apresentavam maior dificuldade para falar da sexualidade, mas não negavam que conheciam os métodos contraceptivos e defendiam o uso do preservativo, se posicionando contra a posição oficial da Igreja Católica. Para os jovens evangélicos, o posicionamento se encontrava de acordo com o ideal pregado pela religião e pelas próprias autoridades havendo um mesmo discurso, ambos afirmavam que o sexo fora do casamento é sinônimo de pecado e fornicação. Compreendem como uma dádiva dada por Deus quando praticado de maneira lícita, e pecaminoso, tendo que ser repellido quando for ilícito, ou seja, fora do casamento.

Já sobre o posicionamento das autoridades afirma:

Algumas das autoridades cristãs entrevistadas (nenhuma pentecostal) afastaram-se da leitura mais “ao pé da letra” das palavras sagradas e admitiram mudanças, valorizando espaços de reflexão sobre a sexualidade. Não reconheceram de forma explícita, entretanto, a existência de vida sexual ativa entre os jovens de sua comunidade como fizeram as autoridades de Umbanda e Candomblé. (SILVA, 2008, p.687)

Para as tradições afro-brasileiras, o período de iniciação da vida sexual esta muito mais associado com a maturidade do jovem e do que com o fato de uma ritualística religiosa como é o caso do casamento. Essa maturidade pode ser compreendida como expressão do físico e psíquico e pela capacidade de assumir responsabilidade perante os desafios que a vida apresenta.

3.2 Educação sexual: família, religião e sociedade

Tanto a formação recebida da sexualidade quanto a formação religiosa são um processo cultural, transmitido pela família e pela sociedade e que é acolhido no seio da pessoa.

Sexualidade é, por causa desse processo, uma construção cultural e histórica de algo que se manifesta através dos e nos indivíduos. A religião é um acontecimento na vida humana cujas manifestações e maneiras de exercício são determinadas cultural e historicamente. Sendo ambas afetadas e educáveis pela sociedade na qual existem, certamente uma e outra, a sexualidade e a religião influenciam-se mutuamente. (PINTO, 2015, p. 101)

Sendo assim, podemos afirmar que ambas, tanto a sexualidade quanto a religião se realizam dentro de uma cultura e por meio do processo histórico, e determinam a formação do sujeito perante a realidade em que se encontra. O que se constata, é que de fato, elas imprimem e formam a identidade do sujeito, influenciam diretamente na construção humana. Deve-se também levar em conta, que neste processo de construção se tenha muita tensão, pois nem sempre haverá um consenso a respeito de determinados conceitos e atitudes transmitidos por estas esferas.

... podemos perceber que a área da sexualidade humana é uma área na qual é pequena a possibilidade de haver um consenso, até mesmo quando se pensa em pessoas de uma mesma religião, que dirá de pessoas de uma sociedade ampla e segmentada como é a sociedade ocidental. (PINTO, 2015, p.104)

O campo da sexualidade está muito atrelado ao campo da religião, porque durante muito tempo, partindo da visão histórica, na cultura ocidental a moral sexual era ditada praticamente pela religião. Com o passar do tempo, as ciências começaram a ganhar espaço e também se tornaram geradoras de moralidade (cf. PINTO, 2015, p. 104).

Isso não fez com que as religiões não se debruçassem mais sobre a esfera da sexualidade. Elas disciplinam e regulamentam a sexualidade humana de acordo com a moralidade propagada por cada uma. “Dessa maneira, há normas para a conduta sexual do ser humano nas religiões cristãs, no islamismo, no judaísmo, no budismo, enfim, em qualquer lugar onde o ser humano tenha ou pretenda ter contato com o sagrado” (PINTO, 2015, p. 105).

Existem nas religiões sistemas de crenças, sistemas morais e sistemas de organização. Há uma variação entre as religiões no que diz respeito a questão dos sistemas morais, e estes são bem divergentes. Isso ocorre até mesmo dentro das próprias instituições religiosas, podendo haver um número diversificado de interpretações. No âmbito da sexualidade também haverá essa múltipla elucidação e interpretação.

De acordo com Pinto a educação sexual é o processo através do qual a sociedade, principalmente através da família, ensina a moral sexual que servirá como base para que as pessoas desenvolvam seus valores quanto à sexualidade (2015, p.105). O conceito de família já remete a um conceito religioso e regulado por uma religião, porém é importante destacar que na pós-modernidade não é somente a religião que determina como deve ser a família e quais valores morais ela deve transmitir. Neste processo de desconstrução em que a sociedade e o sujeito passam, outras esferas ditaram novos valores morais formadores das estruturas familiares.

Isso não quer dizer que a religião não seja mais reguladora de condutas morais, ou que não possua mais espaço no seio das famílias, pelo contrário, a religião ainda tem muita força e influência no modo como as pessoas refletem e conduzem suas vidas.

Não há como negar que religião e sexualidade estão entrelaçadas. Isso é comprovado como fato histórico. Vivemos em uma sociedade em que a moral institucional e civil possui raízes judaico-cristãs, e a formação que recebemos, o modo como vivemos e nos comportamos tem suas raízes nestas tradições religiosas. Deve-se levar em consideração também que tratando da cultura brasileira, diversas outras expressões religiosas influenciam na maneira como procedemos, mesmo que seja menos perceptível. O modo como praticamos a nossa sexualidade não é alheia a este conceito.

No Brasil a influência cristã se deu e se dá principalmente através do catolicismo, pois, desde a colonização pelos portugueses e até recentemente, religião católica e Estado sempre estiverem muito próximos em nosso país, de maneira que uma enorme parte da nossa educação sexual foi – e ainda é – firmemente influenciada pela religião cristã, embora seja necessário frisar que não foi o cristianismo a única influência exercida sobre a moral sexual brasileira, uma vez que outras religiões, especialmente as oriundas da África e do Oriente, também influíram na sexualidade das pessoas no Brasil. (PINTO, 2015, p.106)

Para entender a relação entre sexualidade e religião e mais especificamente entre sexualidade humana e cristianismo, é necessário partir do princípio da compreensão do corpo. É por meio do corpo que nos relacionamos com outras pessoas e com o mundo, o mesmo será um dos principais alvos da moral religiosa no processo de educação da sexualidade humana (cf. PINTO, 2015, p.107). Junto a ele, no cristianismo, associará o aspecto do punição, pois este, durante muito tempo foi visto como lugar de pecado, inclusive o que se ligava à sexualidade.

Deve-se levar em conta que houve um avanço e uma abertura na reflexão sobre a importância do corpo e a esfera da sexualidade, mas mesmo assim, outros temas que derivam do corpo e da sexualidade são polêmicos como a virgindade, a procriação e o prazer.

A sexualidade humana é um universo, complexa e cheia de mistérios, isso faz com que sua relação com o religioso se torne um diálogo que se dá num processo lento e cauteloso. Porém, na pós-modernidade a questão da sexualidade vem à tona, é retirada da esfera velada e de caráter proibitório como era vista no passado. Cada vez mais o tema da sexualidade se evidencia, e frente a esse bombardeio de assuntos a serem debatidos na sociedade, as religiões, enquanto constituintes da vida social, tomam também um posicionamento. Algumas com mais rigidez e conservadoras, outras mais flexíveis e abertas ao pensamento pós-moderno.

No que diz respeito à sexualidade, percebe-se desde sempre uma ligação com o conceito religioso, como se ambas estivessem interligadas na história. Pinto apresenta que desde as sociedades primitivas a ideia de gênero a respeito das divindades já delimitava aspectos da sexualidade humana. Anteriormente ao período patriarcal judaico-cristão, algumas crenças religiosas já apresentavam o gênero feminino da divindade, exaltando a importância da sexualidade também no âmbito divino. “Assim, mesmo quando levamos em conta esse período matriarcal neolítico, há indícios do papel delimitador da religião sobre a sexualidade humana desde os princípios da humanização” (PINTO, 2015, p.120).

Isso demonstra claramente que a relação entre sexualidade humana e religião não é um conceito, uma ideia ou uma esfera (uma relação) criada pela cultura e tradição judaico-cristão, mas desde sempre este vínculo existiu. A cultura judaico-cristã pode sim, ter contribuído para o modo como interpretamos a sexualidade humana nos dias de hoje, no ocidente; porém não se pode afirmar que ela tenha sido a responsável pela criação desta criação.

Poder-se-ia argumentar que, a atenção exclusiva ao período judaico-cristão da história, se deve ao fato de esta ser ainda uma das principais características de nossa cultura, ser judaico-cristã e, portanto patriarcal. No entanto, esse argumento seria falacioso, uma vez que o risco de parecer que não haveria outra forma de se regular a sexualidade humana é muito grande. Em outras palavras, se analisamos somente uma maneira de disciplinar o exercício da sexualidade humana, corremos um enorme risco de acreditar que não há alternativas a ela, ou, na melhor das hipóteses, de crer que as

opções se resumem a dois modelos, uma “repressão judaico-cristã” ou uma sexualidade utopicamente livre. (PINTO, 2015, p. 121)

Como mencionado anteriormente, não podemos afirmar que o modo como nos comportamos sexualmente na sociedade atual, é fruto da formação judaico-cristã que recebemos e tão somente dela, até por que sabemos que outras religiões influenciaram e influenciam na maneira como nos portamos. O que podemos analisar é que sim, o elemento religioso, que é constituinte da vida social, interfere diretamente na formação da sociedade, sendo ele de qualquer denominação, pois atinge diretamente o ser humano.

3.3 Religião e pós-modernidade

Segundo Lipovetsky (2013, p.) a religião não morre. Na sociedade pós-moderna o que desaparece são as práticas tradicionais da religião. No mundo pós-moderno a religiosidade não se perde, mas ganha novas características; uma religiosidade fluída, individual, desinstitucional. E essas novas características são visivelmente perceptíveis, como apresenta o próprio autor, por meio da frequência dos fiéis em determinados grupos religiosos, que de maneira clara vem diminuindo seu número; por meio da busca e importância do casamento e do batismo. As pessoas têm fé, mas a entendem como querem (LIPOVETSKY, 2011, p. 98).

Nesta mesma perspectiva Touraine também desenvolve seu pensamento ao afirmar que o espírito pós-moderno se definiu antes de tudo por sua luta contra a religião (1994, p. 225). E neste processo entende-se que o sujeito se liberta da sua encarnação no mundo religioso. Porém, não se trata de esquecer das religiões, mas

procurar nas religiões de origem antiga, assim como nos novos debates éticos, aquilo que não se reduza à consciência coletiva da comunidade nem ao liame entre o mundo humano e o universo, mas ao contrário apele para um princípio não social de regulamentação dos comportamentos humanos. (TOURAINÉ, 1994, p. 226)

Mesmo com o declínio das instituições preserva-se a esfera da moral e o espaço das condutas humanas, e que pode ser considerada, pelo menos em parte, herança das igrejas e das religiões estabelecidas. A questão sexual entrará nesta perspectiva, com uma nova interpretação do próprio significado e sentido de fé que o indivíduo assume

para a vida; a questão da sexualidade, para o sujeito, não será um empecilho, um problema ou dificuldade.

Esse novo modelo de religiosidade pode ser comparado a mercado; se aceita algumas coisas, se recusa outras, mistura-se tradições diversas, ou seja, como afirma Lipovetsky “fazem seu próprio supermercado de espiritualidade.” Ainda afirma o autor: A identidade cultural e religiosa hoje, tornou-se reflexiva, uma iniciativa individualista, uma expressão individual da vida (2011, p.98).

3.4 Parâmetros antigos e pós-modernos: compreensões da sexualidade a partir da vivência religiosa

Neste novo modelo estrutural vivenciado na pós-modernidade, o sexo terá um grande valor. Lipovetsky (2008, p. 243) destaca que o pornô move o mercado mundial. Ele não se limita mais a esfera das revistas específicas ou de lugares como os *sexshops*; hoje ela está presente em diversos ambientes. Chega a se apresentar de modo invasivo, para aqueles que não procuram. A pós-modernidade se apresenta como a sociedade de um eros frenético.

“A sociedade de hiperconsumo é aquela que conhece a inflação orgiaca, o hipersexo virtual, pesado e banalizado, consumível por todos e em qualquer idade, a toda hora, em casa e à distância” (LIPOVETSKY, 2008, p. 243). Deste modo deixa evidente, que, cada vez mais a moral pregada pelas religiões, que antes eram norteadoras da vida humana, vai perdendo sua força e cedendo espaço à novas formadoras de comportamento. Na pós-modernidade o discurso religioso não deixa de existir, mas perde força frente a um mundo tecnológico e acessível.

Na pós-modernidade não só a questão do sexo será afetada, e executada diferentemente da proposta oferecida e apresentada pelas instituições religiosas, mas tudo o que está acerca dele, e que fere a moral segundo o que foi ensinado e transmitido como valor pela cultura ocidental, a partir de sua base religiosa.

Ao mesmo tempo em que se fala de uma forte influência e exposição das imagens, do culto da beleza, da estética, do corpo e do sexo, este ganha novos parâmetros. Fala-se hoje e multiplicam-se as reportagens sobre o *boom* dos clubes de troca de parceiros, o nomadismo sexual, a relação a três (LIPOVETSKY, 2008, p. 243). Hoje se fala muito de relacionamentos abertos, em experimentar a oferta que se

encontra de parceiros e parceiras, que Lipovetsky destacará como consequência da sociedade do consumo (2008, p. 243). Estes modelos e atos apresentados na sociedade pós-moderna são contrários aos ensinamentos ainda valorizados pelas instituições religiosas.

Percebe-se claramente que na sociedade pós-moderna existe uma aversão a tudo aquilo que é tradicional, ou que foi pregado ou imposto por alguma tradição religiosa. Lógico que não se pode fazer essa afirmação de maneira generalizada, mas é nítido que não só entre os jovens, mas também entre pessoas de mais idade, muito do que diz respeito ao sagrado e ao religioso perde o valor e importância, não tem um peso, não é mais tão relevante para a vida moral como era em tempos passados.

Existe assim uma nova prática e exercício da sexualidade bem distante daquela proposta pela moral religiosa. Na sociedade pós-moderna tem-se, como afirma Lipovetsky (2008, p. 243) a troca de parceiros, cibersexo, sadomasoquismo, *performs* do obsceno, escalada pornô, atividades sexuais *on-line*, salas de bate papo, *sexgroups*, entre outras maneiras de exercer o sexo ou ações relacionadas a ele.

Alguns dados que comprovam isso são apresentados pelo autor:

... 7% dos americanos têm mais de cinquenta parceiros por ano e 5% dos franceses, mais de cem parceiros todo ano. Em 2000, os *gays* tiveram em média dezoito parceiros ao longo do ano anterior, mas esse número esconde uma grande diversidade de casos, alguns reconhecem várias centenas de parceiros. (LIPOVETSKY, 2008, p.243)

O fato dessa debanda de atos relacionados à vivência da sexualidade é somente reação de um novo modelo de vida imposto pela própria sociedade. “A vida sexual começa mais cedo, os tabus são frágeis, quase mais nada é proibido e, no entanto, no final das contas os costumes sexuais hipermodernos são tudo, salvo desenfreados” (LIPOVETSKY, 2008, p. 244). Segundo esta ideia, a pós-modernidade traria a conotação de permissividade e isso também será aplicado na esfera sexual. Em relação à questão da fragilidade dos tabus, se nota que muito do que não é discutido no meio familiar ou religioso, é, de certa maneira, tratado nas redes sociais ou nos meios midiáticos. Sendo assim, na construção da sociedade pós-moderna, muitas vezes a formação não vem mais, como era antigamente, de uma família ou dos princípios de uma determinada religião, mas sim de uma sociedade que desvela práticas antes pouco discutidas.

Porém, para Lipovetsky todo esse fenômeno aparente é visto como um hedonismo bem temperado, nem orgíaco e nem puritano, pois afirma que ao mesmo apresentando todas as características e ações citadas acima, muitas delas ficam restritas, no mundo das imagens e dos discursos. “Hipertrofiado no imaginário e no simbólico, o libidinal é autolimitado, ‘ajuizado’ no real” (2008, p. 245).

Segundo esse processo de raciocínio podemos entender também a força religiosa/moral inserida no contexto cultural e social. Mesmo vivendo em uma sociedade extremamente sexual, nem todas as pessoas se entregam a determinadas atitudes que este novo modelo de sociedade oferece. E isso não só ocorre por conta de medo de contrair doenças, mas por uma questão do peso do relacional-afetivo e, em seguida, da exigência primordial de reconhecimento do subjetivo, da valorização de quem se é. Essas questões enraizadas na própria cultura têm seus fundamentos nos valores religiosos.

Por muito tempo, o código de honra e a moral religiosa constituíram as principais forças de contenção das pulsões sexuais. Essa época passou. O que agora desempenha esse papel é uma ordem cultural que valoriza os laços emocionais e sentimentais, a troca íntima entre Mim e Você, a proximidade comunicacional com o outro. (LIPOVETSKY, 2008, p. 246)

O modelo apresentado pela tradição religiosa, ainda perdura na sociedade pós-moderna, a ideia de “felicidade a dois” como constituição de um final feliz, de uma vida realizada. Podemos classificar esse modelo como uma relação sentimental. Além da questão da influência cultural-religiosa que este modelo carrega, ele é valorizado pelo que significa; numa sociedade de fácil descarte, o ser reconhecido, o possuir apreciação, e ser valorizado de alguma maneira são atos de importância. “Ser amado implica ser escolhido, superestimado, preferido a qualquer outro, com todas as satisfações íntimas que isso comporta” (LIPOVETSKY, 2008, p. 247).

Já a respeito das atitudes periféricas e marginais ligadas a sexualidade, Lipovetsky (2008, p. 248) afirma que também reflete uma constante alimentação do ego. Vivemos em uma sociedade de valorização do indivíduo, no entanto, as relações estabelecidas nela, sejam pornográficas/eróticas ou de caráter sentimental, tem como finalidade a realização da subjetividade.

Em tempo de individualismo narcísico, afirma-se com novo vigor a exigência de qualidade nas relações íntimas, o que requer proximidade comunicacional ao mesmo tempo que reconhecimento e valorização subjetiva. Não um processo de dissolução do Eu nas confusões libidinais anônimas, mas, ao contrário, sua afirmação cada vez mais exigente em relação ao outro. (LIPOVETSKY, 2008, p. 248)

Poderia se pensar que nesse processo em que o sexo é exaltado na sociedade atual, a centralidade da subjetividade estaria perdida, mas o que realmente vemos, é uma busca constante do Eu no outro, a satisfação plena dos desejos pessoais a partir do outro, tornando-o assim, um instrumento das satisfações pessoais. Porém, não se deve entender isso de maneira negativa, como se fosse mero descarte, neste processo se realiza a proximidade, o conhecimento e a comunicação. Diante desta construção Touraine também salienta que é mais na relação interpessoal, na relação amorosa ou amigável, que o sujeito se afirma, do que na experiência da solidão (1994, p. 236).

Esta visão encontra sentido oposto na ótica de Han, que compreende que a busca pelo outro é somente uma necessidade de completar aquilo que falta em si. Em sua obra *Agonia do eros* salienta que é no outro que buscamos a confirmação de nós, mesmos (cf. 2017, p. 39).

O outro é visto como um elemento que preenche aquilo que falta no eu, ou seja, não há uma reciprocidade, mas a valorização do ego a partir do outro, a reafirmação da subjetividade, um mecanismo de satisfação por meio de algo exterior. Nesta relação o que conta é a própria realização.

3.5 Novos modelos padronizados

O sexo e os aspectos que se desenvolvem acerca dele são mecanismos observados não só na sociedade de hoje. Lipovetsky salienta que, desde os anos de 1950 diversos observadores perceberam isso e equiparam o sexo aos bens de consumo:

Assimiladas a um divertimento fácil de obter, a um prazer frívolo valendo por si mesmo, as relações sexuais têm tendência a transformar-se em “bens de consumo” que se pode escolher à vontade, sem verdadeiro compromisso, um pouco como um auto-serviço. (2008, p. 292)

Para fomentar ainda mais este conceito de consumo, o amor é compreendido como elemento totalmente positivo durante todo curso e âmbitos da vida, ele é domesticado numa fórmula de consumo desprovida de risco, de ousadia, sem excesso e delírio (cf. HAN, 2017, p. 40).

Porém ao frisar que existem novos modelos para a sexualidade na vida pós-moderna, como o do consumo, Lipovetsky (2008, p. 292) apresenta que na verdade o que destaca são somente troca de valores. Existe assim, um novo modelo que surge e que se torna da mesma maneira padronizado. Se em épocas passadas era necessário viver de maneira pura, agora parece necessário viver de uma maneira em que a liberdade nos obriga a viver todas as coisas de maneira exageradas e intensas.

Se o sujeito libidinal moderno beneficia-se do afrouxamento das coerções tradicionais, não é por isso menos dirigido por novos modelos padronizados, tais como mostrar a obrigação de mostrar-se livre, chegar ao máximo do gozo, estar à altura dos padrões do desempenho erótico. Nos períodos anteriores, predominava a norma da pudicícia, agora teríamos uma 'liberdade imposta', uma 'perseguição' inédita que nada mais é que a sexualidade e o 'orgasmo obrigatório'. (LIPOVETSKY, 2008, p. 292)

Seria como viver em um engano de que com esse afrouxamento ou libertação dos modelos tradicionais, de fato brotasse a existência de uma vida plenamente livre. Pouco se percebe que são trocados os papéis e que, de certo modo, permanecemos condicionados a um novo padrão estabelecido. “Sob a aparência da permissividade, progrediria, de fato, a ferocidade das normas de excelência mensurável, um hedonismo quantitativo e obrigatório mais eficaz em produzir complexo do que em desinibi-los” (LIPOVETSKY, 2008, p. 292).

O autor apresenta o conceito de estetização em que a pós-modernidade passa. Para ele esse novo modelo é o processo de desunificação que consiste na ruptura cultural fundamental constituída pelo advento da ética que acompanha o consumo:

Ao exaltar o hedonismo e a vida sem imposições, uma nova lógica cultural se firmou, destruindo a concepção puritana do mundo e se opondo às regras convencionais da vida burguesa. As consequências não são pequenas: resultam daí formações sociais que se caracterizam não apenas pela ausência de justificações transcendentais, mas também pela destruição do todo unificado da sociedade e pela discordância entre as grandes esferas da vida social. (LIPOVETSKY, 2015, p. 391)

Deste modo, as sociedades vivem em extremos que impedem uma aceitação de um todo. Se por um lado na época da força das imposições dadas pelas instituições tradicionais, tinha a rejeição ao prazer, a práticas contrárias à moral proposta, a negação do que era entendido como pecado; e com isso muitas pessoas se sentiam afetadas por serem castradas de desejos, que pulsavam interiormente. Por outro lado, nas sociedades pós-moderna, com esse novo modelo que surge a respeito da vivência da sexualidade, algumas pessoas também se sentem pressionadas a vivenciarem o que para muitas foi ensinado como algo contrário a seus princípios. Evidencia uma sociedade completamente dividida, na qual valores e princípios antigos se misturam com valores e princípios novos, gerando um conflito no sujeito que carrega essa mescla.

Pode-se imaginar que com o surgimento de um novo modelo que valoriza a atividade sexual e tudo o que está acerca dela como exemplo a ser seguido, o que é relativo ao amor ou aos encantos da vida feliz e amorosa proposto pelo modelo antigo, é tratado como um fracasso ou algo extinto nos dias de hoje. Mas não, pelo contrário, mesmo com a força do discurso de permissividade, o amor, o desejo de encontrar um príncipe ou princesa encantada (o) ainda é vivo e presente. A busca pelo grande amor da vida é um estímulo nos relacionamentos que se desenvolvem. “... Nem o ideal do casal, nem o desejo de viver um ‘grande amor’, nem os sonhos secretos com o príncipe encantado desapareceram. Bem ao contrário, são onipresentes...” (LIPOVETSKY, 2008, p. 295).

Talvez, a grande busca, o tanto conhecer, o se relacionar com diversas pessoas, características da sociedade pós-moderna na esfera sexual, seja fruto da incessante procura pelo par perfeito.

O que se constata é que a sociedade da permissividade e do sexo, em momento algum anula ou nega o fervor do sentimento do amor, ele somente se evidencia em momentos diferentes. São nítidas no mundo digital as diversas declarações de amor, frases de impacto, mensagens profundas com referenciais aos relacionamentos, a constante produção cinematográfica, os livros que retratam romances e as músicas que falam sobre o amor. Ou seja, “a verdade é que não há nenhuma depreciação dos ‘eu te amo’: quando muito, eles são enunciados depois e não mais antes da troca sexual” (LIPOVETSKY, 2008, p. 295).

Esse modelo apresentado pela pós-modernidade é justamente a época do hiperindividualismo, como afirma Lipovsky (2008, p. 295), isso faz com que cresça a

profunda busca por sentimentos e afetividades, mesmo com uma banalização dos relacionamentos, como afirmam as instituições tradicionais.

Sendo assim, o mesmo autor apresenta uma visão também otimista do que se vive, a realidade não é um aglomerado de coisas negativas, referentes à sexualidade e suas práticas. “A ‘morte das afetividades’ nada mais é que um lugar-comum da época hiperindividualista: assiste-se menos a um processo de dessentimentalização do que à afetização crescente das relações entre os seres” (LIPOVETSKY, 2008, p. 295).

Agora, um ponto que deve ser levado em consideração, e que Lipovetsky faz referência, é justamente a relação do consumo com o sentimento, que chamará de consumismo sentimental. Essa busca incessante, esse consumo do prazer gera também o desprazer, o sentimento de vazio, de decepção, se produz rancor, feridas profundas e íntimas. Afirma: “Então, se há um consumo hedonista, existe também uma dimensão sismográfica do hiperconsumo dominado pela alternância repetida da felicidade e da tristeza, da exaltação e do abatimento” (LIPOVETSKY, 2008, p. 297).

Seguindo este pensamento de que existem dois extremos em relação ao sentimento, numa visão geral percebemos também a negatividade que esse sistema proporciona. A vida liberal nem sempre trará satisfação e felicidade; o egocentrismo anula enxergar e realizar a felicidade do outro.

O individualismo e o liberalismo cultural não fizeram senão isolar um pouco mais os seres, torná-los egocêntricos, incapazes de fazer a felicidade do outro. Longe de ter favorecido a felicidade dos sentidos, a revolução sexual provocou um impressionante desenvolvimento das frustrações e do mal-estar. Liberação dos corpos, derrelição dos seres. (LIPOVETSKY, 2008, p. 300)

Diferentemente do período em que as decisões e normas eram apresentadas pelas instituições tradicionais e causavam um efeito coletivo, pois eram pensadas para a coletividade, a vida nas sociedades individualistas, que fluem a partir do governo de si próprio, passam por caráter decisório, e cresce o conceito de responsabilidade, pois o prazer adquirido por uma determinada prática sexual, como também a frustração e decepção causadas pela mesma, são frutos das decisões e escolhas realizadas pelo próprio sujeito.

Nas sociedades individualistas, em que a vida sexual está livre das imposições coletivas, as exclusões, frustrações, e insatisfações não são

anomalias, são realidades não elimináveis porque resultantes da própria dinâmica da individualização. A partir do momento que governam a si próprios, os indivíduos são sujeitos decisórios, mas também, totalmente, vítimas sujeitas às leis do amor e do acaso, aos mecanismos das preferências e das rejeições, às atrações e repulsas, às ligações e rompimentos. (LIPOVETSKY, 2008, p. 304)

Para Han esse desprazer acontece, pois não se consegue viver num palco a dois, como ele mesmo cita, a realização do outro no fundo é uma realização de si mesmo, é um completar-se constante. Afirma:

O amor é um “palco a dois”. Ele interrompe a perspectiva do um e faz surgir o mundo a partir do ponto de vista do outro ou do diverso. (...) A negatividade da transformação ou do totalmente outro é estranha à sexualidade. O sujeito sexual permanece sempre igual a si mesmo. (...) A sexualidade está na ordem do habitual, que reproduz o igual. (...) Falta-lhe por completo a negatividade da alteridade que espelha aquele “palco a dois”. Assim ele habita o palco do um. (2017, p. 79-80)

Esse processo de individualização é contrário ao amor, que seria a construção de um palco a dois, a ruptura do habitual e do igual. Essa valorização de si mesmo somente fortalece o processo de narcisização e impende a beleza da alteridade.

Desde modo, averiguamos que o sujeito pós-moderno, estabelece um relacionamento com a religião de maneira parcial. O sujeito não deixa de ser religioso, mas a maneira como vivencia a religiosidade é diferente. A religião proporciona respostas para o homem, mas por parte do sujeito, não o impede de experimentar determinados aspectos da sua sexualidade como era antigamente. Existe sim uma tensão, pois este diálogo não chega a um acordo, mas a falta de acordo entre as partes, entre as propostas do sujeito e da religião, não ferem este relacionamento. O sujeito pós-moderno, não enxerga como dificuldade a vivência sexual e o discurso religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar a relação entre sexualidade e religião na pós-modernidade, percebe-se que o sujeito pós-moderno segundo os autores estudados reinterpreta tanto o seu exercício na vida sexual quanto no que se refere à experiência religiosa. O desenvolvimento do presente estudo possibilitou apresentar, mesmo que de maneira bibliográfica, a situação que se encontra o sujeito pós-moderno, frente a esfera sexual e religiosa, e como a religião também interpreta o sujeito pós-moderno e sua sexualidade.

Para tal análise percorremos o caminho de primeiramente entender o que é pós-modernidade e como o sujeito se identifica neste novo mundo, que é diferente do como se estabelecia relações e se vivia anteriormente. Posteriormente, traçamos a compreensão da sexualidade na pós-modernidade, mostrando como ela é vista na sociedade e como o sujeito a vivencia. Neste aspecto se evidenciou a questão da pornografização, a exposição, a força da imagem, em detrimento do mistério, do que está velado. E por fim, apresentamos como o sujeito pós-moderno se relaciona com a sexualidade, que também é reformulada na pós-modernidade, e com a religião.

A tensão existente entre as esferas sexualidade e religião se dá por meio da crise que as instituições sofrem na pós-modernidade e pelo desejo de bem estar que o sujeito busca. Sendo assim, o cenário que se apresenta é que de um lado se tem as instituições que não respondem mais às necessidades do sujeito, tornando-se frágeis e do outro, o sujeito que sem essa referência, não mais pautado pela questão do dever, se torna autor de si mesmo, buscando satisfação pessoal e a busca do bem estar.

Os temas que foram abordados são de suma importância, pois são partes integrantes do ser humano, não há como negar a sexualidade e a esfera religiosa. Porém, se trata de um tema polêmico e caro para o meio religioso, pois, como foi apresentada, a sexualidade humana foi interpretada como satisfação do corpo, com conotação de prazer.

Outro aspecto que deve ser salientado é a relação que este sujeito estabelece tanto com a sexualidade quanto com a religião. Em uma sociedade em que o consumo é sinônimo de felicidade, estes conceitos também são vistos como mercadorias. O sujeito pós-moderno é aquele que consome o sexual e o religioso.

Dada a importância do assunto e sua abrangência, se reconhece que se tem muito a estudar sobre este assunto, e a presente pesquisa não se esgota. Tanto o tema da

sexualidade quanto o tema da religião são muito complexos. Existem diversas possibilidades de estudos e de temas pertinentes ao assunto como a compreensão da sexualidade nas religiões orientais, estudos da sexualidade nas religiões de matrizes africanas, até porque esta pesquisa se refere à consulta de autores europeus e partimos de uma análise da sociedade de formação cultural com influências judaico-cristãs. Sendo assim, qualquer outro estudo que aborde outra manifestação religiosa que não tenha sua raiz ou influência na cultura judaico-cristã será de grande valia.

Abre-se a possibilidade de outros temas de grande relevância na sociedade de hoje pertinentes a sexualidade como o aborto, a homossexualidade, as questões de gênero, a transsexualidade, o uso de preservativos e anticoncepcionais, entre outros. Destacando como que a religião compreende e aborda estes temas.

Esta pesquisa é de relevância para a Ciência da Religião por abordar a temática da relação entre sexualidade e religião, sendo que a dimensão sexual ainda é um problema para as religiões. Neste sentido, a Ciência da Religião contribui, pois ela olha o evento, analisa o dado a ser estudo, mas não emite valor, é construção, mas não determina se tal constatação é certa ou errada, verdadeira ou falsa, não há juízo de valor.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- DA COSTA BRITO, Wallace. **Os conceitos pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky**. Perspectivas em Psicologia, v. 19, n. 2., Rio de Janeiro, 2015.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KARASEK, Felipe Szyszka. **O conceito de pós-modernidade em Lyotard e a possibilidade da influência nietzschiana**. Sessões do Imaginário, v. 15, n. 23, Porto Alegre, 2010.
- LAGO, Clenio; TAROUÇO, Sabryna Joane Voos Bortoncello; DA SILVA JUNIOR, Edinaldo Enoque. **A sexualidade no horizonte do discurso pós-moderno**. Revista Reflexão e Ação, v. 24, n. 1, p. 309-328, Santa Cruz do Sul, 2016.
- LEGRAND, Gerard. **Dicionário de filosofia**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LIPOVETSKY: SOCIEDADE DE CONSUMO. Filipe Costa. 31 de jul. de 2013. 34min.36s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=O1hGYHMZXDg> >. Acesso em: 14 out. de 2017.

MONTE, Sheila da Silva. **A identidade do sujeito na pós-modernidade:** algumas reflexões. Revista Fórum Identidades, Itabaiana, 2012.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual:** como ensinar aos jovens dialogando com sua religião. São Paulo: Idéias&Letras, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Cristiane Gonçalves da et al. **Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez.** Psicologia em estudo, v. 13, n. 4, p. 683-692, Maringá, 2008.

TOURAINÉ, Alain. **A procura de si:** diálogo sobre o sujeito. São Paulo: Instituto Piaget, 2001.

TOURAINÉ, Alain; CLASEN, Jaime A.; ALVES, Ephraim F. **Poderemos viver juntos?** iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 2003.

TOURAINÉ, Alan. **Crítica da modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. **Religião e consumo.** São Paulo: Paulinas, 2012.